



RAM. Revista de Administração Mackenzie
ISSN: 1518-6776
revista.adm@mackenzie.com.br
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Brasil

DE MEDEIROS, EMERSON DIÓGENES; VELOSO GOUVEIA, VALDINEY; DA SILVA GUSMÃO,
ESTEFÂNEA ÉLIDA; LEMOS MILFONT, TACIANO; NUNES DA FONSECA, PATRÍCIA; AVELLAR
DE AQUINO, THIAGO ANTONIO

Teoria funcionalista dos valores humanos: evidências de sua adequação no contexto paraibano
RAM. Revista de Administração Mackenzie, vol. 13, núm. 3, mayo-junio, 2012, pp. 18-44
Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=195423691003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS: EVIDÊNCIAS DE SUA ADEQUAÇÃO NO CONTEXTO PARAIBANO

EMERSON DIÓGENES DE MEDEIROS

Doutor em Psicologia Social pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Avenida São Sebastião, 2.819, Nossa Senhora Fátima, Parnaíba – PI – Brasil – CEP 64202-020

E-mail: emersondiogenes@gmail.com

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

Doutor em Psicologia Social pelo Departamento de Psicologia da Universidade Complutense de Madrid.

Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicologia,

Cidade Universitária, João Pessoa – PB – Brasil – CEP 58051-900

E-mail: vvgouveia@gmail.com

ESTEFÂNEA ÉLIDA DA SILVA GUSMÃO

Doutora em Psicologia Cognitiva pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).

Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Avenida São Sebastião, 2.819, Nossa Senhora Fátima, Parnaíba – PI – Brasil – CEP 64202-020

E-mail: estefanea@gmail.com

TACIANO LEMOS MILFONT

Doutor em Psicologia Social e Ambiental pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Auckland, Nova Zelândia.

Pesquisador da Escola de Psicologia da Victoria University of Wellington, Nova Zelândia.

Centre for Applied Cross-Cultural Research, School of Psychology, Victoria University of Wellington,

PO Box 600 – Nova Zelândia – CEP 6140

E-mail: milfont@gmail.com

PATRÍCIA NUNES DA FONSECA

Doutora em Psicologia Social pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Professora do Departamento de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicopedagogia, Cidade Universitária,

João Pessoa – PB – Brasil – CEP 58051-900

E-mail: patynfonseca@hotmail.com

THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO

Doutor em Psicologia Social pelo Departamento de Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Professor do Departamento das Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba.

Departamento das Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba, Cidade Universitária,

João Pessoa – PB – Brasil – CEP 58051-900

E-mail: logosvitae@ig.com.br

RESUMO

Este estudo objetivou conhecer a adequação da *teoria funcionalista dos valores humanos* no contexto do Estado brasileiro da Paraíba. Testaram-se suas hipóteses de *conteúdo* e *estrutura* dos valores. A primeira prediz a saturação de três itens em cada uma das subfunções teorizadas, enquanto a segunda prevê uma estrutura duplex para os valores, tomando em conta as dimensões tipo de orientação (pessoal, central e social) e tipo de motivador (materialista e idealista). Participaram 12.706 pessoas da população geral da Paraíba, com idade média de 20,1 anos, sendo a maioria do sexo feminino (58,5%), solteira (38,3%) e com ensino médio (41,8%). Por meio de análise fatorial confirmatória, checou-se a *hipótese de conteúdo*, admitindo que os 18 valores poderiam ser representados em seis subfunções valorativas (modelo original), confrontando-o com modelos alternativos (uni, bi, tri e pentafatorial). Como esperado, o modelo original foi o mais ajustado ($AGFI = 0,94$, $CFI = 0,88$ e $RMSEA = 0,05$), sendo superior aos alternativos. Posteriormente, testou-se a *hipótese de estrutura* por meio de escalonamento multidimensional confirmatório (Proxscal), adotando o *Phi de Tucker* (φ) como indicador de ajuste do modelo. Coerentemente, esse indicador se situou acima do recomendado ($\varphi = 0,94$), o que sugere que os valores podem ser representados em espaço bidimensional 3 (tipo de orientação: pessoal, central e social) x 2 (tipo de motivador: materialista e idealista). Apesar das limitações, a exemplo do uso de amostra não probabilística, ou seja, não representativa da população paraibana, conclui-se que os resultados apoiam a adequação dessa teoria no contexto estudado.

PALAVRAS-CHAVE

Valores; Funções; Teoria; Estrutura; Conteúdo.

1 INTRODUÇÃO

Os valores humanos são foco de estudiosos há muitos anos. Por exemplo, há indícios de que filósofos gregos já se preocupavam com o ensino dos valores (PIMENTEL, 2004). Em psicologia, os estudos a respeito datam, sobretudo, das décadas de 1960 e 1970 (ALBUQUERQUE et al., 2006; GOUVEIA, 1998), especialmente em função das publicações de Rokeach (1973).

De acordo com Ros (2006), diversas têm sido as contribuições teóricas acerca dos estudos sobre os valores, com o propósito de explicar seu conteúdo e sua estrutura, e também utilizá-los como explicadores de atitudes, crenças e comportamentos. Em termos gerais, os valores humanos têm sido estudados em duas perspectivas principais: uma eminentemente cultural e outra com foco individual.

A primeira perspectiva (cultural) é de natureza mais sociológica, em que se destacam, por exemplo, os modelos de valores individualistas e coletivistas (HOFSTEDE, 1984) e as orientações valorativas materialista e pós-materialista (INGLEHART, 1977). Já na segunda perspectiva, isto é, a que considera os valores como um construto psicológico (individual), destacam-se os modelos propostos por Rokeach (1973) – terminais e instrumentais – e Schwartz (1992) – tipos motivacionais dos valores. Atualmente, o modelo mais recorrente é o de Schwartz (1992). No entanto, nessa mesma linha, apresenta-se a *teoria funcionalista dos valores humanos* (GOUVEIA, 2003), foco principal deste artigo.

2 TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS

Em revisão acerca dos teóricos dos valores, Gouveia (1998) pôde verificar que, em geral, os modelos apresentavam algumas limitações quanto à indicação, à fonte e à natureza dos valores. Esse autor também observou que poucas teorias partiam de uma concepção específica de homem, o que, em sua opinião, favorecia a ambiguidade de admitir os valores como desejáveis e, ao mesmo tempo, falar em valores negativos ou contravalores. Esses aspectos o animaram a se aprofundar mais na temática. Gouveia (1998) estudou os modelos teóricos então prevalecentes com o objetivo de entender como poderiam ser mais bem estruturados e verificar se havia elementos convergentes.

Apesar de jamais ter deixado de reconhecer as contribuições importantes de autores como Rokeach (1973), Kohn (1977), Inglehart (1977, 1991) e Schwartz (1992), Gouveia (1998, 2003) e Gouveia et al. (2008, 2009, 2010, 2011) entenderam que poderiam, nesse contexto, oferecer uma alternativa teórica que resultou

na teoria funcionalista dos valores humanos. Embora seja menos reconhecida internacionalmente que o modelo de Schwartz (1992, 2006), conforme indicam Gouveia et al. (2011), já foram realizados estudos que abrangem cerca de 50 mil pessoas do Brasil e de 20 países, com resultados consistentes no que diz respeito à sua adequação (FISCHER; MILFONT; GOUVEIA, 2011; GOUVEIA, 2003; GOUVEIA et al., 2010, 2011; LIMA, 2012; MEDEIROS, 2011; VIONE, 2012; SOUZA, 2012). Este artigo procura reunir evidências empíricas sobre a adequação dessa teoria no contexto paraibano, testando suas hipóteses de conteúdo e estrutura.

2.1 DEFINIÇÃO DE VALORES E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com a teoria funcionalista dos valores humanos, os valores podem ser formalmente definidos como critérios de orientação que guiam as ações humanas e expressam cognitivamente suas necessidades básicas (GOUVEIA et al., 2009, 2010). Essa definição, entretanto, fundamenta-se em quatro pressupostos básicos:

- *Natureza humana*: esse modelo assume a natureza benevolente do ser humano, ou seja, não existe homem “ruim”, mas sim desequilíbrios entre valores que subjazem comportamentos julgados antissociais e/ou delitivos. Essa premissa não é refutável, pois faz parte do núcleo rígido da teoria funcionalista dos valores humanos, na perspectiva de Lakatos (1989). Desse modo, o homem é concebido como naturalmente bom (MASLOW, 1954), o que implica que ele se orienta por aspectos positivos da vida. Com base nisso, devem-se abordar os valores humanos como atributos positivos. Mas aqui o leitor se perguntará: “Então, o que explica que algumas pessoas tenham comportamentos erráticos, desviantes?”. Gouveia et al. (2011) dão uma justificativa. Resumidamente, embora todos os valores sejam positivos, priorizar excessivamente uns em detrimento de outros pode resultar em tais condutas. Por exemplo, isso poderia ocorrer com aqueles que priorizam o *poder* acima de tudo, dando escassa importância a valores como *convivência, apoio social e tradição*. Nesse sentido, não é descabido pensar no indivíduo maduro, em termos de sistema valorativo, como aquele que integra todos os valores, reconhecendo sua importância; ocorreria, portanto, uma homeostase axiológica, ou seja, um estado de harmonia e equilíbrio entre os valores humanos.
- *Base motivacional*: apesar de alguns autores reconhecerem que os valores compreendem transformações de necessidades humanas (ROKEACH,

1973; SCHWARTZ; BILSKY, 1987), isso não parece óbvio. Como apreender e operacionalizar o processo de transformação? A teoria funcionalista dos valores humanos entende que os valores são representações cognitivas de necessidades individuais (MASLOW, 1954), demandas da sociedade e instituições (PARSONS, 1959-1976; TÖNNIES, 1887-1979) que insinuam a restrição de impulsos pessoais (MERTON, 1949), assegurando um ambiente estável e seguro (INGLEHART, 1977). Porém, não se deve esperar uma correspondência absoluta entre necessidades e valores; estes não se restringem a condições imediatas, sendo metas supraorgânicas.

- *Caráter terminal:* a divisão dos valores em instrumentais e terminais não é recente (KLUCKHOHN, 1951), embora tenha se popularizado com os trabalhos de Rokeach (1973). Apesar de evidências empíricas escassas que a sustentem, Schwartz e Bilsky (1987, 1990) também a consideraram em seus estudos iniciais, sendo uma das facetas da teoria universal dos valores humanos, que parece ter sido abandonada mais recentemente (SCHWARTZ, 2006). Diferentemente desses autores, Gouveia et al. (2008, 2011) descartaram considerar esses dois tipos de valores; de fato, como o próprio Rokeach (1973) reconhecia, os valores instrumentais podem se converter em terminais. Portanto, pareceu mais parcimonioso e teoricamente apropriado considerar unicamente valores terminais, o que é coerente com a ideia de princípios do desejável. Além disso, como afirmava Rokeach (1973), estes podem ser representados por cerca de uma dúzia e meia de valores específicos, diferentemente dos instrumentais que demandariam centenas de valores.
- *Princípios-guias individuais:* os valores são concebidos como categorias gerais de orientação para as condutas dos indivíduos, contextualizados na cultura, não se restringindo a determinadas situações ou objetos (GOUVEIA et al., 2008). Quando úteis para a sobrevivência das pessoas, de seu grupo e da sociedade como um todo, tais valores são incorporados pela cultura, que os molda como princípios desejáveis que as pessoas apresentam, o que garante a continuidade da sociedade e o convívio harmonioso de seus membros. Tais valores são então encarados como tipicamente individuais e representam escolhas de pessoas concretas em diversos contextos culturais. Nesse âmbito, parece sem sentido falar em valores culturais, pois, em realidade, trata-se de pontuações de indivíduos para valores específicos, as quais são somadas e atribuídas a cada cultura. Esse aspecto indica que essa teoria foi pensada no nível individual de análise, embora seus autores sugiram que possa ser útil também para explicar as pontuações atribuídas às culturas (GOUVEIA et al., 2011).

Em consonância com as suposições teóricas anteriormente descritas, Gouveia et al. (2009, 2010) admitem as seguintes características consensuais para a definição dos valores: 1. são conceitos ou categorias; 2. trata-se de estados desejáveis de existência; 3. transcendem situações específicas; 4. assumem diferentes graus de importância; 5. guiam a seleção e avaliação de condutas e eventos; e 6. representam cognitivamente as necessidades humanas. Porém, destaca-se, nessa teoria, a ênfase funcionalista para abordar os valores, o que demanda a seguinte pergunta: “Para que servem os valores?”. Embora a resposta tenha sido dada previamente por Rokeach (1973), que propôs cinco funções amplas dos valores, os proponentes dessa teoria foram mais específicos, enfocando não o uso quotidiano dos valores, mas duas funções essenciais: guiam o comportamento das pessoas – *tipos de orientação* – e expressam cognitivamente suas necessidades – *tipos de motivador* (GOUVEIA et al., 2008).

2.2 FUNÇÕES PRINCIPAIS DOS VALORES

Como é possível perceber, esse modelo tem como foco principal as funções dos valores humanos. Gouveia et al. (2008) apontam para o fato de que poucos estudos fazem referência a esse aspecto (ALLEN; NG; WILSON, 2002) e, ao revisarem a literatura, identificaram as duas funções consensuais previamente citadas. Descreve-se a seguir cada uma delas.

2.2.1 Função de guiar o comportamento: tipos de orientação

A distinção pessoal-social, de algum modo presente nas ideias de Tönnies (1887-1979) e claramente defendida por Rokeach (1973), é certamente uma dimensão fundamental de orientação do ser humano (GOUVEIA et al., 2011), posteriormente definidora da tipologia individualismo-coletivismo (HOFSTEDE, 1984; TRIANDIS, 1995). De maneira geral, estima-se que pessoas que se pautam em valores pessoais são egocêntricas e têm um foco intrapessoal, enquanto aquelas guiadas por valores sociais possuem um foco interpessoal ou priorizam a vida em sociedade (GOUVEIA, 2003). Coerente com tal perspectiva, concebe-se que as pessoas enfatizam a si mesmas ou o grupo como a unidade principal de sobrevivência (GOUVEIA et al., 2008), sendo, dessa forma, seu comportamento guiado por uma orientação pessoal ou social, respectivamente.

Contudo, indo mais além de Rokeach (1973), Gouveia (1998, 2003) defendeu a existência de um terceiro tipo de orientação, denominada como *central*. Concretamente, em revisão de estudos empíricos sobre os valores, esse autor observou que existiam valores que não eram especificamente pessoais ou sociais, embora congruentes com ambos. Tais valores foram denominados centrais por

se apresentarem entre os outros dois tipos de orientação, compreendendo a base estruturante ou o ponto de referência dos demais valores. A centralidade desses valores não é situacional, isto é, não se deve ao juízo que as pessoas fazem acerca de sua importância (VERPLAKEN; HOLLAND, 2002); compreende uma qualidade inerente de um conjunto de valores, uma característica ou propriedade de que eles têm.

O leitor poderá se indagar se os valores centrais não seriam os mesmos que os mistos, como entendidos por Schwartz (1992) e Schwartz e Bilsky (1987). Neste ponto é importante diferenciá-los. Esses autores denominam como tipos motivacionais mistos valores que não são completamente pessoais nem sociais, embora congruente com ambos (SCHWARTZ, 1992), e são representados por dois conjuntos específicos: *segurança* e *universalismo*. Gouveia et al. (2003a) já alertavam sobre a abrangência desses tipos motivacionais, que incluíam mais de uma ideia, o que justifica a nomenclatura de valores mistos. De fato, recentemente essa hipótese foi testada pelo próprio Schwartz que, embora tenha indicado que poderiam ser considerados tipos específicos, seus resultados parecem corroborar a possibilidade de tratar diferentes valores dentro dessas categorias mais amplas (SCHWARTZ; BOHENKE, 2004). Por exemplo, *segurança* envolve elementos pessoais (como limpo e saudável) e sociais (como ordem social e segurança nacional).

Os valores centrais contam com fundamentação teórica e suporte empírico. Concretamente, no que se refere ao primeiro aspecto, destaca-se que eles são a base a partir da qual são definidos os demais valores, representando cognitivamente a polarização de necessidades mais básicas (por exemplo, comer, dormir e beber) e aquelas de ordem mais elevada (por exemplo, cognitivas, estéticas e autor-realização). No plano empírico, comumente tem sido observado que tais valores se apresentam entre aqueles pessoais e sociais (GOUVEIA et al., 2011), assim como podem ser um reflexo da variação de indicadores sociais e econômicos (FISCHER; MILFONT; GOUVEIA, 2011). Portanto, são legítimos no sentido de terem uma fundamentação teórico-empírica, não se reduzindo à prioridade de determinado valor, que é contingente, sendo diferentes daqueles nomeados como mistos, que se definem por expressarem interesses tanto individualistas como coletivistas. Entretanto, valores centrais e mistos não são opostos e guardam alguma relação empírica entre eles (GOUVEIA, 2003).

Em suma, a função dos valores como princípios que guiam o comportamento humano pode ser definida como a dimensão tipo de orientação, que é representada por três critérios valorativos: pessoal, central e social. Estes abarcam a tipologia de valores terminais, como proposta por Rokeach (1973), incluindo uma dimensão então não considerada (valores centrais), que difere da ideia de valores mistos (SCHWARTZ, 2006).

2.2.2 Função de expressar as necessidades humanas: tipos de motivador

Segundo Gouveia et al. (2009, 2010), mesmo não havendo uma correspondência perfeita entre necessidades e valores, é possível concebê-los como representando cognitivamente as necessidades. De fato, essa ideia não é nova (MASLOW, 1954; PARSONS, 1959-1976). Inglehart (1977, 1991) foi um dos que mais diretamente a tiveram em conta, propondo dois tipos de valores culturais para representar as necessidades mais básicas (materialistas) e as mais avançadas (pós-materialistas). Outros autores também consideraram essa possibilidade, mas sem uma base teórica sólida em termos do modelo de necessidades, admitindo tanto aquelas positivas e negativas, assim como concebendo os valores como transformações de necessidades (ROKEACH, 1973; SCHWARTZ; BILSKY, 1987).

Gouveia (1998, 2003) tomou como referência principal o conjunto de necessidades descritas por Maslow (1954). Embora ele não tenha defendido sua tese de hierarquia das necessidades, estimando que unicamente uma necessidade mais avançada teria lugar se suprida uma imediatamente mais básica, considerou pertinente a visão *maslowniana*. Coerente com seu esquema conceitual, essa perspectiva das necessidades admite, *a priori*, a natureza humana como benévolas, propondo tipos diferentes de necessidades ou motivações que têm abarcado adequadamente diversos modelos (RONEN, 1994). Mesmo com proposta recente de modificar sua estrutura piramidal, incluindo algumas necessidades (por exemplo, busca e manutenção de parceiro) e excluindo outras (por exemplo, autorrealização) (KENRICK et al., 2010), não há comprometimento no conjunto de valores que são demandados para representá-las.

Gouveia (2003) e Gouveia et al. (2010, 2011) indicam que os valores podem ser classificados como materialistas (pragmáticos) ou humanitários (idealistas) (INGLEHART, 1977; MARKS, 1997), segundo as necessidades que representam cognitivamente. Neste ponto, cabe o esclarecimento de que as necessidades são o foco desse modelo, sobretudo seu conteúdo, não sua hierarquia; compreendem um objeto ou fim último, para o qual se presume que as pessoas são motivadas. Os valores expressam a representação cognitiva dessas necessidades, que são representadas nessa teoria por dois tipos de motivador. Os valores materialistas ou pragmáticos evidenciam ideias práticas (JAMES, 1907), um pensamento mais voltado para o aqui e agora, visando a um interesse imediato e à observância de condutas que atendam a padrões culturais vigentes; quem se pauta por esses valores costuma apresentar uma orientação para metas específicas e regras normativas, dando importância à sua própria existência e às condições nas quais esta pode ser assegurada.

Por sua vez, os valores humanitários ou idealistas representam uma orientação universal, baseada em princípios e ideias abstratas, sem um foco imediato. Quem se pauta por tais valores tende a ter uma visão mais ampla e madura da vida, desfrutando do prazer de existir e estando aberto a possibilidades e mudanças.

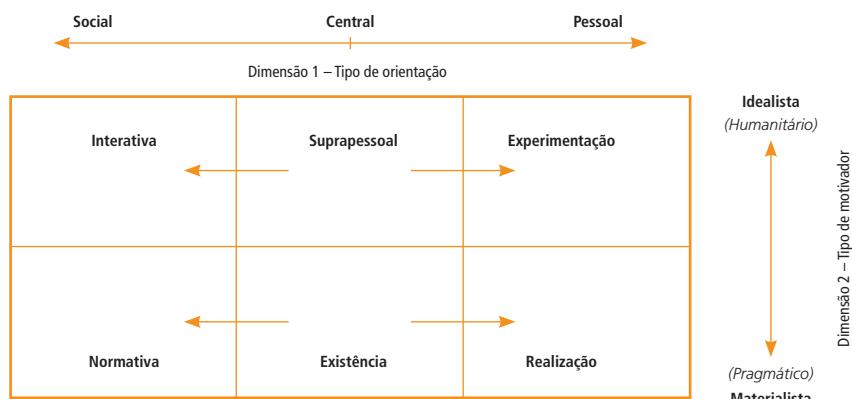
Em resumo, a segunda função dos valores é dar expressão cognitiva às necessidades humanas, correspondendo à dimensão valorativa *tipo de motivador*, que se divide em materialista e idealista

2.2.3 Subfunções valorativas: estrutura e conteúdo

Como previamente descrito, concebe-se que os valores humanos apresentam duas dimensões principais: *tipo de orientação* e *tipo de motivador*. A primeira dimensão é formada por três tipos de orientação (pessoal, central e social), enquanto a segunda abrange dois tipos de motivador (materialista e idealista). O cruzamento dessas duas funções permite identificar um modelo 3 x 2 dos valores, representado na Figura 1.

FIGURA 1

FACETAS, DIMENSÕES E SUBFUNÇÕES DOS VALORES BÁSICOS



Fonte: Adaptada de Gouveia et al. (2011).

De acordo com a Figura 1, são teorizados dois eixos principais a partir dos quais os valores se estruturam. O eixo horizontal corresponde à função de guia do comportamento humano, representando a dimensão tipo de orientação, subdividindo-se em três (pessoal, central e social). O eixo vertical define a função de representar cognitivamente as necessidades humanas, denominado de tipo de motivador, estando subdividido em dois tipos (materialista e idealista). Quan-

do combinadas (cruzadas), essas duas dimensões dão origem a seis subfunções valorativas, representadas nos quadrantes indicados: social-materialista (*normativa*), social-idealista (*interativa*), central-materialista (*existência*), central-idealista (*suprapessoal*), pessoal-materialista (*realização*) e pessoal-idealista (*experimentação*). Percebe-se também que essas seis subfunções são distribuídas de maneira equitativa nos critérios de orientação: social (*interativa* e *normativa*), central (*suprapessoal* e *existência*) e pessoal (*experimentação* e *realização*).

Portanto, como indica a teoria funcionalista dos valores humanos, as seis subfunções valorativas podem ser representadas estruturalmente em um delineamento 3 (tipo de orientação: pessoal, central e social) x 2 (tipo de motivador: materialista e idealista). Além disso, sugere-se que as setas que partem da orientação central (subfunções *existência* e *suprapessoal*) indicam que esta comprehende a referência para os demais valores, apresentando-se como a “espinha dorsal” ou a fonte principal a partir da qual têm lugar os demais valores. Isso é assim precisamente porque esse tipo de orientação evidencia a polarização entre as necessidades mais básicas (por exemplo, comer e beber) e aquelas de ordem mais elevada (por exemplo, cognitivas e estéticas).

Em suma, a teoria funcionalista dos valores humanos (GOUVEIA, 2003; GOUVEIA et al., 2011) considera somente valores terminais e positivos, o que é coerente com as concepções de que os valores são desejáveis e o homem é um ser benevolente, respectivamente. Propõem-se duas dimensões principais dos valores (*tipo de orientação* e *tipo de motivador*), que são combinadas para dar origem a seis subfunções valorativas (*experimentação*, *realização*, *existência*, *suprapessoal*, *interativa* e *normativa*), que podem ser representadas em um espaço dimensional. Neste, os valores que correspondem ao tipo de orientação pessoal estariam de um lado e aqueles que cobrem a orientação social apareceriam de outro; entre ambos, figurariam os valores centrais; os valores materialistas e individualistas ocupariam regiões diferentes nesse espaço. Essa formulação corresponde à *hipótese de estrutura*, que pode ser formal e estatisticamente testada, por exemplo, por meio de escalonamento multidimensional.

Além da hipótese supracitada, nessa teoria se admite também a *hipótese de conteúdo*. Concretamente, parte-se da concepção de que as subfunções, derivadas das funções valorativas, são estruturas latentes, variáveis hipotéticas ou não observadas diretamente. Portanto, elas precisam ser representadas por marcadores ou valores específicos. Precisamente, o conteúdo dos valores diz respeito à adequação de valores específicos para representar as funções e, consequentemente, as subfunções correspondentes. Gouveia et al. (2011) indicam que, apesar de não ser extensa a lista de valores constante no instrumento derivado de sua teoria, eles representam alguns dos mais citados na literatura (BRAITHWAITE; SCOTT, 1991).

A seguir, descreve-se cada subfunção, com base no tipo de orientação e de motivador que representa, e indicam-se os valores específicos ou marcadores comumente empregados para representá-la. Como os valores centrais são a base ou a referência a partir da qual os demais valores têm origem (GOUVEIA et al., 2011), apresentam-se as subfunções correspondentes (*existência* e *suprapessoal*), com as respectivas subfunções que descrevem, respectivamente, valores materialistas e idealistas.

- *Subfunção existência*: comprehende os valores mais claramente definidores do motivador materialista. Essa subfunção representa a necessidade mais básica de sobrevivência do homem (biológica e psicológica), além da necessidade de segurança (MASLOW, 1954). Reúne valores que são compatíveis com as orientações pessoal e social, sendo, portanto, considerados centrais. Conforme indicado, essa subfunção serve de referência para as de *realização* e *normativa*, apresentadas a seguir. Estes valores constituem a subfunção *existência*:
 - a) Sobrevivência: é o valor mais relevante para pessoas socializadas em contextos de escassez ou aquelas que não têm à sua disposição recursos econômicos básicos. Representa as necessidades humanas mais básicas, como comer e beber.
 - b) Estabilidade pessoal: sua ênfase está na vida organizada e planejada. Pessoas que se guiam por esse valor procuram garantir sua própria sobrevivência, tendo uma vida que segue padrões fixos, focada em aspectos práticos, orientada para o imediato. Está evidente a necessidade de segurança, procurando ter uma vida controlada.
 - c) Saúde: as pessoas que se guiam por esse valor buscam obter um nível adequado de saúde e evitam coisas que podem ser uma ameaça para sua vida. Nesse contexto, a saúde é mais do que não estar doente; comprehende o aspecto também subjetivo de se sentir bem, não estar enfermo e evitar o que possa comprometer sua saúde. É evidente a representação das necessidades de sobrevivência e segurança.
- *Subfunção realização*: os valores dessa subfunção representam o motivador materialista, porém têm uma orientação pessoal. Pessoas orientadas por tais valores focam realizações materiais e pessoais, e são imediatistas, focadas no aqui e agora. Esses valores representam as necessidades de autoestima (MASLOW, 1954): as pessoas dão importância à hierarquia quando esta se baseia em demonstração de competência pessoal (GOUVEIA et al., 2011). Acredita-se que tais valores são típicos de jovens adultos em fase produtiva ou de indivíduos educados em contextos rígidos em termos dis-

ciplinares e formais (ROKEACH, 1973). Os seguintes valores representam essa subfunção:

- a) **Éxito:** a ênfase é ser eficiente e alcançar as metas definidas, sobretudo, em curto e médio prazos. As pessoas que adotam esse valor têm o ideal de sucesso, são orientadas nessa direção, primam pela competitividade e buscam benefícios pessoais que as destaquem de outros indivíduos.
 - b) **Poder:** representa a ênfase dada ao princípio da hierarquia. Esse valor é menos social que os outros dois dessa subfunção, além de ser desconsiderado ou rejeitado por pessoas que contam com formação escolar e nível socioeconômico elevados. Nesse contexto, as pessoas desejam ocupar um cargo de chefia para que possam controlar as decisões.
 - c) **Prestígio:** a ênfase desse valor diz respeito ao contexto social. A pessoa deseja ter sua imagem pessoal reconhecida publicamente, razão que a faz dar importância aos demais, porém com propósitos não eminentemente sociais, mas pessoais, de interesse próprio, visando desfrutar das vantagens do reconhecimento social.
- **Subfunção normativa:** representa também o motivador materialista, porém com orientação social, focada na observância de normas sociais. Representa a necessidade de controle e as precondições para alcançar todas as necessidades humanas (MASLOW, 1954), correspondendo às demandas institucionais e sociais (SCHWARTZ, 1992). Geralmente, são as pessoas mais velhas as que se guiam por tais valores (ROKEACH, 1973; TAMAYO, 1988), pois seguem normas convencionais e, consequentemente, apresentam menor número de comportamentos desviantes (PIMENTEL, 2004; SANTOS, 2008). Os valores a seguir representam essa subfunção:
 - a) **Obediência:** evidencia a importância de obedecer aos deveres e às obrigações diárias e cumpri-los, respeitando os pais e as pessoas mais velhas. É um valor típico de pessoas com mais idade e/ou educadas em sistema mais tradicional, orientado para seguir normas estritas.
 - b) **Religiosidade:** representa a necessidade de controle para lidar com realidades adversas; não depende de nenhum preceito religioso. Unicamente há o reconhecimento de uma entidade ou ser superior em quem se buscam certeza e harmonia para uma vida social pacífica.
 - c) **Tradição:** representa a precondição de disciplina no grupo ou na sociedade como um todo para satisfazer as necessidades. Sugere respeito aos padrões morais seculares e contribui para a harmonia social. Portanto, pessoas que se guiam por esse valor dão importância à manutenção de padrões culturais prevalecentes, nos quais foram socializadas por seus pais e mestres.

- *Subfunção suprapessoal*: apresenta uma orientação central e um motivador idealista. Seus valores representam as necessidades de estética e cognição, bem como a necessidade superior de autorrealização (MASLOW, 1954), que ajuda a categorizar o mundo de forma consistente. Acentua a importância de ideias abstratas, com menor ênfase em coisas concretas e materiais (INGLEHART, 1977). Estima-se que seja importante entre aqueles que apresentam um motivador idealista. Guiar-se por essa subfunção é coerente com as orientações pessoal e social. Trata-se, portanto, de uma subfunção central que dá origem às outras duas subfunções com esse tipo de motivador: *experimentação* e *interativa*, que serão consideradas posteriormente. Os seguintes valores podem ser utilizados para representar tal subfunção:
 - a) Beleza: claramente representa as necessidades estéticas, mas evidencia uma orientação global, desconectada de objetos ou pessoas específicos. Os que se guiam por esse valor buscam apreciar o que é belo, com independência da natureza do objeto (material ou imaterial), e não se limitam a questões pragmáticas.
 - b) Conhecimento: representa as necessidades cognitivas, cujo caráter é mais universal, abrangente, e não se limita à dicotomia pessoal-social. Quem enfatiza esse valor busca conhecimentos novos, está sempre atualizado e procura descobrir fatos e ideias. Não se restringe ao conhecimento como desempenho, mas como uma indicação de saber, e reúne informações sobre temas vários.
 - c) Maturidade: representa a necessidade de autorrealização. Descreve um sentido de satisfação que o indivíduo tem consigo mesmo. Nesse contexto, a pessoa percebe-se útil na vida, pois encontrou um sentido existencial. Indivíduos pautados por esse valor tendem a apresentar uma orientação universal, não se restringem a pessoas ou grupos específicos, nem se limitam a coisas e bens materiais.
- *Subfunção experimentação*: representa também um motivador idealista (humanitário), porém com uma orientação pessoal. Seus valores representam as necessidades de sexo e gratificação, compreendendo a suposição do princípio do prazer (hedonismo) (MASLOW, 1954). Tais valores contribuem para a promoção de mudança e inovação na estrutura das organizações sociais, sendo mais endossados por jovens, sobretudo adolescentes, entre os 12 e 18 anos. Em geral, as pessoas que se guiam por esses valores não se submetem às regras sociais (SANTOS, 2008) e não são orientadas a alcançar, em longo prazo, metas fixas e materiais. Podem compor essa subfunção os seguintes valores:

- a) **Emoção:** esse valor representa a necessidade fisiológica de excitabilidade e busca de experiências perigosas, arriscadas, algo equivalente ao tipo de personalidade “buscador de sensações” (ZUCKERMAN, 1994). Comumente, jovens são os que mais priorizam esse valor (CHAVES, 2004).
 - b) **Prazer:** corresponde à necessidade orgânica de satisfação em um sentido mais amplo (por exemplo, beber ou comer por prazer, divertir-se). Embora se possa imaginar algo material, a ênfase não é em qualquer coisa concreta; interessa aproveitar a vida, desfrutar os prazeres ao máximo. Há evidências de que as pessoas que priorizam esse valor apresentam mais comportamentos desviantes, fruto da busca do prazer inerente ao tipo de personalidade anteriormente descrito (PIMENTEL, 2004).
 - c) **Sexualidade:** esse valor representa a necessidade de sexo. É comum na literatura tratá-lo como um item ou fator de moralidade religiosidade (BRAITHWAITE; SCOTT, 1991). Apesar de, na tipologia de Maslow (1954), ser possível pensar nessa necessidade como fisiológica, básica, remetendo a aspecto material, recentemente têm sido reunidas evidências de que a sexualidade não pode ser enquadrada nesse tipo de necessidade (KENRICK et al., 2010). Não se constitui em algo estritamente fisiológico, deficitário, mas trata-se de uma escolha, sobretudo no contexto de busca de parceiro e obtenção de prazer. Esse valor é entendido como desfrute da vida.
- **Subfunção interativa:** representa o motivador idealista, mas tem uma orientação social. Representa cognitivamente as necessidades de pertença, amor e afiliação (MASLOW, 1954), com ênfase no estabelecimento e na manutenção de relações interpessoais. Contatos sociais são metas em si mesmos, enfatizando características mais afetivas e abstratas. Os indivíduos que adotam essa função como princípio-guia na vida frequentemente são jovens e orientados para relações íntimas estáveis, sobretudo em fase de busca e manutenção de parceiro, isto é, na constituição familiar (KENRICK et al., 2010; MILFONT, 2001). Podem ser empregados para representar essa subfunção os seguintes valores:
 - a) **Afetividade:** esse valor está relacionado com aspectos da vida social, enfatizando relacionamentos íntimos, afetos, relações familiares, compartilhamento de cuidados, prazeres e tristezas. Representa, principalmente, a necessidade de amor.
 - b) **Apoio social:** Enfatiza a necessidade de afiliação, com destaque para a segurança que pode ser proporcionada quando o indivíduo conta com o apoio de outras pessoas. No caso, esse valor indica que o indivíduo não está sozinho no mundo e que pode obter ajuda de outras pessoas quando necessitar.

- c) Convivência: não representa as relações interpessoais específicas, mas a relação indivíduo-grupo. Requer um sentido de identidade social, indicando a ideia de pertença a um grupo social.

Em suma, essa teoria admite as hipóteses *conteúdo* e *estrutura* dos valores. A primeira corresponde a dois aspectos formais: sugere um conjunto específico de valores que representam cada uma das subfunções e indica a existência de seis subfunções valorativas. Sua comprovação tem sido levada a cabo, comumente, por meio de análise fatorial confirmatória. A segunda hipótese, de *estrutura*, indica como os valores se organizam espacialmente a partir das duas dimensões funcionais: tipo de orientação e tipo motivador. Os valores pessoais e sociais se encontram representados em lados opostos da configuração, tendo entre eles os valores centrais; no caso dos valores materialistas e humanitários, apresentam-se em diferentes campos desse espaço. Essa combinação permite visualizar as seis subfunções valorativas que ocupam espaços delimitados.

Em resumo, a teoria funcionalista dos valores humanos contempla as hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*, tratadas também no modelo de Schwartz (1992, 2005). Comprová-las parece essencial para mostrar a adequação de sua teoria, que já vem sendo testada no contexto brasileiro e em outros países (GOUVEIA et al., 2011; MEDEIROS, 2011). Nesta oportunidade, procura-se reunir evidências de sua adequação em amostra ampla do contexto paraibano, como descrito a seguir.

3 MÉTODO

3.1 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 12.706 pessoas da população geral da Paraíba, com as seguintes características: idade média de 20,1 anos ($dp = 9,62$; amplitude de 8 a 86 anos), a maioria do sexo feminino (58,5%) e escolaridade correspondente aos ensinos fundamental (22,6%), médio (41,8%) e superior (19,3%).

3.2 INSTRUMENTOS

Os dados foram obtidos entre 2001 e 2011. Nesse sentido, incluíram-se diversos instrumentos que continham a medida de valores humanos, um ou mais construtos de interesse e informações demográficas (como idade, sexo, estado civil e nível educacional). Considerando o foco deste artigo, unicamente se descreve o instrumento para medir os valores.

O *questionário dos valores básicos* (QVB) foi elaborado inicialmente em português e espanhol, com 66 itens (GOUVEIA, 1998). Posteriormente, desenvolveu-se uma versão abreviada apenas em português, com 24 itens (GOUVEIA, 2003) e, mais recentemente, a que tem sido mais amplamente empregada, formada por 18 itens (GOUVEIA et al., 2008), pautando-se na parcimônia, versão esta respondida por todos os participantes deste estudo. Para cada item, são apresentados dois descritores, de modo a representar o conteúdo inerente do valor. Por exemplo, *saúde* é descrito em termos de “preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente” e “não estar enfermo”; *tradição* sugere “seguir as normas sociais de seu país” e “respeitar as tradições de sua sociedade”. Esses valores são distribuídos equitativamente nas seis subfunções valorativas previamente descritas. Com o fim de responder aos itens, o participante deve ler cada um e avaliar sua importância com um princípio-guia na sua vida, utilizando escala de sete pontos: de 1 (*totalmente não importante*) a 7 (*totalmente importante*).

3.3 PROCEDIMENTO

Este estudo está inserido em um projeto amplo de pesquisa sobre valores humanos e seus correlatos, no qual participa uma equipe de pesquisadores colaboradores. Aplicaram-se os questionários de forma individual e coletiva, geralmente em ambiente coletivo (por exemplo, em sala de aula, empresas ou praças públicas). A pesquisa foi realizada entre 2002 e 2010, em contexto paraibano, em cidades do interior e capital. Todos os instrumentos foram autoaplicáveis, contendo as instruções necessárias para proceder às respostas. Em todos os casos, pelo menos um pesquisador esteve presente para dirimir dúvidas sobre a forma de responder ao questionário, mas sem detalhar os conteúdos. Os participantes foram informados de que suas respostas seriam tratadas no conjunto, de modo a garantir sua confidencialidade e seu anonimato. Portanto, não foram solicitados a indicar nome ou qualquer outra informação que visasse identificá-los. Não obstante, os maiores de 18 anos tiveram que assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que, no caso dos menores de idade, foi substituído por um Termo de Responsabilidade, assinado por seus pais e/ou responsáveis. A participação no estudo variou de 20 a 30 minutos, conforme a pesquisa.

3.4 ANÁLISES DE DADOS

Utilizaram-se os programas estatísticos Amos e Pasw (versões 18). Com o Amos, realizaram-se as análises fatoriais confirmatórias (AFCs), com o objetivo de testar a estrutura com seis fatores e compará-la com modelos alternativos (*hipótese de conteúdo*). Na pesquisa, consideraram-se os seguintes indicadores

de ajuste (BROWNE; CUDECK, 1993; HU; BENTLER, 1999; PILATI; LAROS, 2007; TABACHNICK; FIDELL, 2007):

- *Goodness-of-Fit Index* (GFI): esse indicador, como sua versão ponderada (*Adjusted Goodness-of-Fit Index* – AGFI), funciona como a estatística R^2 na análise de regressão, representando o quanto da matriz de variância-covariância dos dados pode ser explicada pelo modelo teórico testado. Seus valores oscilam entre 0 (ajuste nulo) e 1 (ajuste perfeito), e admitem-se como aceitáveis aqueles próximos ou superiores a 0,90.
- *Comparative Fit Index* (CFI): compreende um indicador comparativo, adicional, de ajuste do modelo. Seus valores variam de 0 (ajuste nulo) a 1 (ajuste perfeito), e admitem-se os que são próximos ou superiores a 0,90 como indicativos de ajuste aceitável.
- *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA): esse indicador considera o intervalo de confiança de 90% (IC90%) e refere-se aos resíduos entre o modelo teórico estimado e os dados empíricos obtidos. Valores altos são indicativos de um modelo não ajustado, e recomendam-se valores próximos ou inferiores a 0,05; 0,08 é um valor comumente aceito, e admite-se até 0,10 como um modelo aceitável.

Com o fim de comparar os modelos alternativos, foram considerados os seguintes indicadores: $\Delta\chi^2$, *Consistent Akaike Information Criterion* (Caic) e *Expected Cross Validation Index* (ECVI). Diferença estatisticamente significativa do $\Delta\chi^2$ que penaliza o modelo com maior χ^2 , e valores menores de Caic e ECVI sugerem um modelo mais adequado.

Com o Pasw, calcularam-se estatísticas descritivas (médias, desvios padrão), consistência interna (homogeneidade e alfa de Cronbach) e escalonamento multidimensional confirmatório (MDS, algoritmo Proxscal). Nesse caso, o propósito foi testar a *hipótese de estrutura*. Com esse fim, anteriormente à criação da matriz de distâncias euclidianas, os valores foram transformados em pontuações z. Posteriormente, a organização espacial dos valores foi definida de acordo com a teoria, assumindo os seguintes parâmetros para a dimensão *tipo de orientação*: *experimentação* (1,0), *realização* (1,0), *existência* (0,0), *suprapessoal* (0,0), *interativa* (-1,0) e *normativa* (-1,0); na dimensão *tipo de motivador*, os parâmetros assumidos foram os seguintes: *experimentação* (0,5), *realização* (-0,5), *existência* (-1,0), *suprapessoal* (1,0), *interativa* (0,5) e *normativa* (-0,5). Portanto, cada valor foi forçado a ocupar uma posição específica no espaço, congruente com sua subfunção de pertença. Assumiu-se o nível ordinal de medida, permitindo *tie breaks*. O coeficiente *Phi de Tucker* (φ) foi utilizado como medida de ajuste do modelo, aceitando-se valores de 0,90 ou superiores (VAN DE VIJVER; LEUNG, 1997).

4 RESULTADOS

Buscou-se primeiramente conhecer a pontuação média das subfunções valorativas, seus respectivos índices de consistência interna (alfa de Cronbach, α) e homogeneidade (correlação média interitens, $r_{m.i}$). Tais resultados são apresentados na Tabela 1.

TABELA I

ESTATÍSTICAS DESCRIPTIVAS, PRECISÃO E HOMOGENEIDADE DAS SUBFUNÇÕES

SUBFUNÇÃO	m	dp	α	$r_{m.i}$
Experimentação	4,85 (5)	1,21	0,43	0,22
Realização	4,67 (6)	1,18	0,38	0,18
Existência	6,12 (1)	0,91	0,56	0,30
Suprapessoal	5,56 (4)	1,02	0,48	0,25
Interativa	5,72 (2)	0,99	0,48	0,24
Normativa	5,61 (3)	1,10	0,55	0,29

m = média, dp = desvio padrão, α = alfa de Cronbach, $r_{m.i}$ = índice de homogeneidade. Os valores entre parênteses correspondem à ordem de importância das subfunções.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Com a finalidade de identificar diferenças entre as subfunções, foi realizada uma manova para medidas interdependentes que apontou diferenças nas médias entre as subfunções (λ ambda de Wilks = 0,36; $F (5, 12.701) = 4.482,38$, $p < 0,001$). O teste *post hoc* de Bonferroni mostrou diferenças entre as pontuações das subfunções.

Com o intuito de cumprir o objetivo principal deste estudo, realizaram-se análises fatoriais confirmatórias para testar a *hipótese de conteúdo*. Esta prediz que os 18 valores saturam em suas respectivas subfunções teorizadas. Nesse caso, considerou-se como entrada a matriz de variância-covariância, adotando o método de estimação *Maximum Likelihood* (ML). Procedeu-se à comprovação do modelo original, com seis subfunções, comparando-o com quatro modelos alternativos, segundo o número de fatores: *unifatorial* (em razão da desejabilidade social dos valores, admitiu-se que todos os itens poderiam saturar em um fator geral), *bifatorial* (os valores foram distribuídos segundo o *tipo motivador*:

materialista e idealista), *trifatorial* (os valores foram organizados segundo o *tipo de orientação: pessoal, central e social*) e *pentafatorial* (uniram-se os valores das subfunções *existência* e *suprapessoal*) (GOUVEIA et al., 2011). Destaca-se que os modelos bi e trifatorial guardam certa correspondência, respectivamente, com as propostas teóricas de Inglehart (1977) e Schwartz (1992).

A AFC para o modelo original (hexafatorial) mostrou que todas as saturações (lambdas) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$) e apresentaram valor médio de 0,49, que variou de 0,22 (*poder*) a 0,76 (*prazer*). O modelo apresentou os seguintes indicadores de ajuste: GFI = 0,96, AGFI = 0,94, CFI = 0,88, RMSEA (IC90%) = 0,05 (0,05-0,06), ECVI = 0,37 e Caic = 5.158,78. Esse modelo foi contrastado com os outros quatro alternativos anteriormente descritos, formados por diferentes estruturas fatoriais (um, dois, três e cinco fatores). Os resultados são mostrados na Tabela 2.

TABELA 2

INDICADORES DE AJUSTE DOS MODELOS
NA PARAÍBA (N = 12.706)

ÍNDICES	MODELOS TESTADOS				
	SEIS	CINCO	TRÊS	DOIS	UM
χ^2	4625,83	4770,56	6323,77	8352,65	8380,96
gl	120	125	132	134	135
GFI	0,95	0,95	0,94	0,91	0,92
CFI	0,88	0,87	0,83	0,77	0,77
RMSEA (IC90%)	0,05 (0,05 - 0,05)	0,05 (0,05 - 0,05)	0,06 (0,06 - 0,06)	0,06 (0,06 - 0,07)	0,07 (0,07 - 0,07)
Caic	5158,78	5251,26	6731,31	8739,29	8757,16
ECVI	0,37	0,38	0,50	0,66	0,66
$\Delta\chi^2 (gl)$	–	144,73* (5)	1697,94* (12)	3726,82* (14)	3755,13* (15)

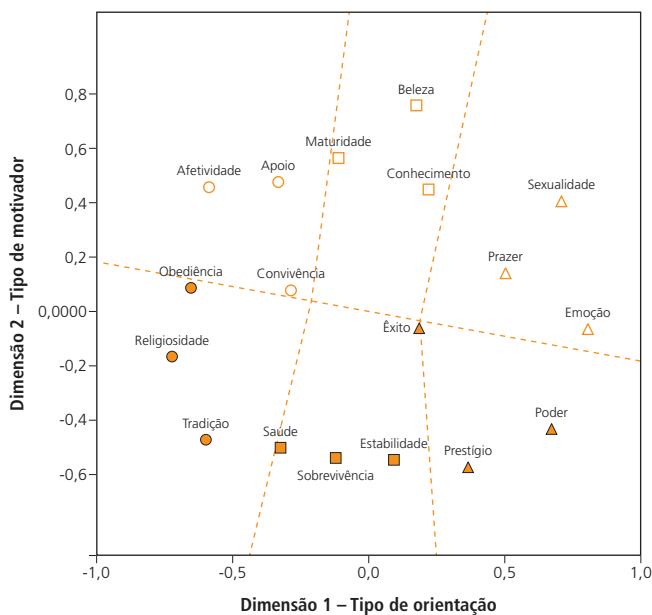
Modelos fatoriais: seis fatores (modelo original), cinco fatores (subfunções *suprapessoal* e *existência* formando uma única dimensão: *valores centrais*), três fatores (valores *pessoais, centrais e sociais*), dois fatores (valores *idealistas* e *materialistas*) e um fator (todos os itens saturando em uma única dimensão); * $p < 0,05$.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como é possível observar na Tabela 2, os modelos original (seis subfunções) e alternativo (cinco subfunções) foram claramente os mais adequados. Esses resultados sugerem que não seria absurdo pensar em um fator gerado pela junção das subfunções *existência* e *suprapessoal*. Entretanto, o $\Delta\chi^2$ com seus respectivos graus de liberdade (gl) se apresentou significativo, com menor valor de qui-quadrado para o modelo original. Portanto, parece plausível pensar que os 18 valores específicos do QVB podem ser representados por seis fatores, corroborando a *hipótese de conteúdo*.

Posteriormente, buscou-se testar a *hipótese de estrutura*. Nesse sentido, efetuou-se um escalonamento multidimensional confirmatório (MDS com algoritmo Proxscal), admitindo os parâmetros definidos previamente. Os resultados dessa análise podem ser observados na Figura 2.

FIGURA 2
REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DOS VALORES NA PARAÍBA



Fonte: Elaborada pelos autores.

Como é possível verificar na Figura 2, as seis subfunções valorativas teorizadas podem ser representadas em um espaço bidimensional, pois essa solução demonstra um ajuste satisfatório (Φ de Tucker = 0,94). Claramente, os valores *materialistas* (figuras fechadas) e *idealistas* (figuras vazadas) se apresentam em

regiões diferentes do espaço: de um lado, figuram os valores *sociais* (círculos), e, de outro, os *pessoais* (triângulos). Entre ambos, aparecem aqueles denominados *centrais* (quadrados). Esses achados corroboram a *hipótese de estrutura*.

5 DISCUSSÃO

O objetivo principal deste estudo foi verificar a adequação da teoria funcionalista dos valores humanos (GOUVEIA et al., 2008, 2009, 2010) em contexto paraibano, no qual se testaram especificamente duas de suas hipóteses principais: conteúdo e estrutura. Desse modo, procura-se discutir os principais achados deste estudo. Antes, entretanto, é oportuno levantar alguns aspectos que podem ser considerados limitações em potencial, o que permitirá ao leitor avaliar com cautela as tentativas de extrapolar os resultados aqui apresentados.

É impossível não principiar pelo viés de amostragem. Apesar de ter sido considerada uma amostra grande, esta não se configura como probabilística, isto é, utiliza-se de um conjunto amostral de conveniência, não permitindo deliberadamente generalizar os resultados para além dos contextos específicos em que as pessoas foram recrutadas. Portanto, estudos futuros deverão considerar amostras mais heterogêneas e representativas, coletadas de forma randômica, de modo a permitir a generalização dos achados.

Outro aspecto que pode ser gerador de vieses diz respeito à utilização de um único instrumento, de tipo autorrelato. Esse método de coleta de dados apresenta algumas desvantagens, já que o respondente pode falsear o conteúdo relatado, diferindo do que seriam, realmente, valores (COZBY, 2003; KOHLSDORF; COSTA JUNIOR, 2009). É particularmente preocupante o viés ou o estilo de resposta resultante da desejabilidade social, uma característica que pode mesmo ser inerente aos valores humanos (SCHWARTZ et al., 1997) e causar impacto, sobretudo, em medidas de autorrelato. A propósito, poderia ser uma alternativa pensar em instrumentos fundamentados em medidas de associação implícita (KARPINSKI; STEINMAN, 2006) ou em estratégias fundamentadas em delineamentos experimentais (CAMPBELL; STANLEY, 1979) ou *priming* (JACOBY, 2006; MAIO et al., 2009). Neste ponto, destaca-se o programa de pesquisa levado a cabo por Maio (2010) que estudou diversos aspectos dos valores humanos (como mudança, centralidade e estrutura).

Segundo os autores dessa teoria (GOUVEIA, 2003; GOUVEIA et al., 2008, 2009, 2010), os valores são organizados em termos de duas dimensões funcionais principais: *tipo de orientação* (pessoal, central e social) e *tipo de motivador* (materialista e idealista), cujo cruzamento dá origem a seis subfunções que, no presente caso, são representadas por três valores específicos cada uma:

experimentação (motivador idealista e orientação pessoal; valores emoção, prazer e sexualidade), *realização* (motivador materialista e orientação pessoal; valores êxito, poder e prestígio), *existência* (motivador materialista e orientação central; valores estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência), *suprapessoal* (motivador idealista e orientação central; valores beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (motivador idealista e orientação social; valores afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (motivador materialista e orientação social; valores obediência, tradição e religiosidade). Trata-se de um modelo parcimonioso capaz de cobrir dimensões principais de outros modelos (ROKEACH, 1973; INGLEHART, 1977; SCHWARTZ, 1992).

A *hipótese de conteúdo* sugeria que os valores específicos se agrupariam em seis subfunções, o que deveria ser a estrutura fatorial mais adequada; e a *hipótese de estrutura* indicava que os valores *centrais* se localizariam entre os *pessoais* e *sociais*, que se encontrariam em lados opostos do espaço bidimensional, enquanto os valores *materialistas* e *idealistas* ocupariam posições distintas nesse espaço. Tais hipóteses foram corroboradas por meio de procedimentos confirmatórios (análises fatoriais e escalonamentos multidimensionais).

O *tipo de orientação* reflete, em certa medida, a tipologia de tipos motivacionais de valores (SCHWARTZ, 2005), que os classifica em individualistas (pessoais), coletivistas (sociais) e mistos (centrais). Contudo, de acordo com Gouveia et al. (2011), essas semelhanças não se referem à mudança de nomenclaturas. Segundo esses autores, os valores *centrais* não podem ser confundidos com os *mistas*, pois, diferentemente destes, aqueles não se definem por expressarem ideias múltiplas (SCHWARTZ; BOEHNKE, 2004). Contrariamente, são descritos como *centrais* por representarem a espinha dorsal da estrutura de valores, sendo coerentes com todos os demais (GOUVEIA et al., 2010). Não são pessoais ou sociais, mas configuram-se no eixo principal das necessidades; a dicotomia pessoal-social é minorada em razão de a pessoa tomar como princípios-guias valores que representam as necessidades humanas mais básicas (subfunção *existência*) ou por guiar-se por aqueles que representam necessidades de mais alto nível, comumente definidas como de desenvolvimento (subfunção *suprapessoal*).

Quanto ao *tipo de motivador*, há alguma similaridade com aquela proposta por Inglehart (1991). Contudo, há também diferença. Enquanto esse autor considera os valores materialistas e pós-materialistas como polos de uma mesma dimensão cultural, no modelo sob consideração os valores *materialistas* e *idealistas* conformam dimensões distintas no nível individual, pessoal de análise (GOUVEIA, 2003). Essa dimensão parece fundamental para comparar pessoas que vivem em diferentes contextos culturais, segundo o grau de escassez ou riqueza apresentado. Possivelmente, em culturas mais pobres, o padrão esperado seja o materialista, enquanto o idealista poderia ocorrer com mais frequência em

culturas ricas (FISCHER; MILFONT; GOUVEIA, 2011). É possível, contudo, que ambos os tipos de motivadores sejam endossados em contextos ou países em desenvolvimento, o que talvez dificulte separá-los mais claramente no âmbito do Brasil, especificamente da Paraíba.

Segundo os achados deste estudo, parece razoável afirmar que, ao menos em contexto paraibano, a teoria funcionalista dos valores humanos apresenta evidências que apoiam suas hipóteses de *conteúdo* e *estrutura*. Embora não perfeito, isto é, com indicadores de ajuste meritórios, sobretudo em razão das características próprias dos valores, com escassa variabilidade de resposta, o modelo se mostrou adequado, pois reuniu parâmetros aceitáveis. Além disso, é importante assinalar que essa teoria é mais parcimoniosa que alguns modelos teóricos prévios (cf. ROKEACH, 1973; SCHWARTZ, 1992) e mais inclusiva que outros (cf. HOFSTEDE, 1984; INGLEHART, 1991), apesar de não fazer distinção entre os níveis cultural e individual de análise. Resta, entretanto, acrescer subsídios empíricos a essa teoria e testá-la em outros contextos culturais ou países.

FUNCTIONAL THEORY OF HUMAN VALUES: EVIDENCES OF ITS ADEQUACY IN A BRAZILIAN STATE

ABSTRACT

This study examined the adequacy of the *functional theory of human values* in the Brazilian state of Paraíba, focusing on the content and structure hypotheses derived from the theory. The first predicts the saturation of three value-items in each of the six theorized value subfunctions. The second predicts a duplex structure for the spatial representation of values based on two specific dimensions, type of orientation (personal, central and social) and type of motivator (materialist and idealist). Participants were 12,706 individuals from the general population with a mean age of 20 years, and in their majority female (58.5%), single (38.3%) and with a high school qualification (41.8%). Confirmatory factor analysis tested the content hypothesis, assuming that six value subfunctions would account for the variance among the 18 value-items (predicted model), compared to alternative factor structures with one, two, three or five factors. As expected, the proposed model had good fit to the data (AGFI = 0.94, CFI = 0.88, and RMSEA = 0.05) and was better fitting than alternative models. The structure hypothesis was tested by means of confirmatory multidimensional scaling (Proxscal), using the Tucker Phi (ϕ) as an indicator of model fit. This fit indicator was above the

recommended cut-off ($\varphi = 0.94$), indicating that values can be represented in a 3 (type of orientation: personal, central, or social) x 2 (type of motivator: materialist or idealist) bi-dimensional space. Even with limitations, such as the use of a convenience sample instead of a probability sample, it can be concluded that the results support the adequacy of this theory in the studied Brazilian context.

KEYWORDS

Values; Functions; Theory; Structure; Content.

TEORÍA FUNCIONALISTA DE LOS VALORES HUMANOS: EVIDENCIAS DE SU ADECUACIÓN AL CONTEXTO PARAIBANO

RESUMEN

Este estudio investigó la adecuación de la *teoría funcionalista de los valores humanos* en el contexto del estado brasileño paraibano. Sus hipótesis de contenido y estructura de los valores han sido comprobadas. La primera predice la saturación de tres ítems en cada una de las subfunciones teorizadas, mientras que la segunda predice una estructura dúplex para los valores, teniendo en cuenta las dimensiones tipo de orientación (materialista y idealista) y tipo de motivador (personal, central y social). Los participantes han sido 12.706 personas de la población general de Paraíba, con un promedio de edad de 20.1 años, en su mayoría mujeres (58,5%), solteras (38,3%) y con educación secundaria (41,8%). A través del análisis factorial confirmatorio, se comprobó la *hipótesis de contenido*, admitiendo que los 18 valores pueden ser representados en seis subfunciones valorativas (modelo original), comparándolo con modelos alternativos (uni, bi, tri y pentafactorial). Como era de esperar, el modelo original presentó el mejor ajuste ($AGFI = 0,94$, $CFI = 0,88$ y $RMSEA = 0,05$), siendo superior a los alternativos. Posteriormente, se comprobó la *hipótesis de estructura* con escalamiento multidimensional (Proscal), adoptando como indicador de ajuste del modelo el phi de Tucker (φ). Este indicador fue superior al recomendado ($\varphi = 0,94$), sugiriendo que los valores pueden ser representados en un espacio bidimensional 3 (tipo de orientación: personal, central y social) x 2 (tipo de motivador: materialista e idealista). Incluso considerando las limitaciones, tales como el uso de la muestra no probabilística, es decir, no ser representativa de la población Paraibana, se concluye que los resultados apoyan la adecuación de esta teoría en el contexto investigado.

PALABRAS CLAVE

Valores; Funciones; Teoría; Estructura; Contenido.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. J. B. et al. Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. *Psico-PUCRS*, v. 37, p. 131-137, 2006.
- ALLEN, M. W.; NG, S. H.; WILSON, M. A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behavior system of consumer choice. *European Journal of Marketing*, v. 36, p. 111-135, 2002.
- BRAITHWAITE, V. A.; SCOTT, W. A. Values. In: ROBINSON, J. P.; SHAVER, P. R.; WRIGHTSMAN, L. S. (Ed.). *Measures of personality and social psychological attitudes*. New York: Academic Press, 1991. p. 661-753.
- BROWNE, B. M.; CUDECK, R. Alternative ways of assessing model fit. In: BOLLEN, K. A.; LONG, J. S. (Ed.). *Testing structural equation models*. Newbury Park, CA: Sage, 1993. p. 136-162.
- CAMPBELL, D. T.; STANLEY, J. C. *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1979.
- CHAVES, C. M. *Compromisso convencional*: fator de proteção para as condutas agressivas, anti-sociais e de uso de álcool? 2004. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- COZBY, P. C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2003.
- FISCHER, R.; MILFONT, T. L.; GOUVEIA, V. V. Does social context affect value structures? Testing the within-country stability of value structures with a functional theory of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 42, p. 253-270, 2011.
- GOUVEIA, V. V. *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: una comparación intra e intercultural*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1998.
- _____. A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 8, p. 431-443, 2003.
- GOUVEIA, V. V. et al. Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia pessoal vs. social? *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 16, p. 223-234, 2003a.
- _____. Valores humanos y salud general: aportaciones desde la psicología social. In: VIDAL, M. A. (Org.). *Psicología del cuidado*. Valencia: Universidad Cardenal de Herrera, 2003b.
- _____. Teoria funcionalista dos valores humanos. In: TEIXEIRA, M. L. M. (Ed.). *Valores humanos e gestão: novas perspectivas*. São Paulo: Senac, 2008. p. 47-80.
- _____. Teoria funcionalista dos valores humanos: aplicações para organizações. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 10, p. 34-59, 2009.
- _____. Teoría funcionalista de los valores humanos en España: comprobación de las hipótesis de contenido y estructura. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 44, p. 203-214, 2010.
- _____. Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida. *Psico-PUCRS*, v. 42, p. 106-115, 2011.

- HOFSTEDE, G. *Culture's consequences: international differences in work-related values*. Beverly Hills: Sage, 1984.
- HU, L. T.; BENTLER, P. M. Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, v. 6, p. 1-55, 1999.
- INGLEHART, R. *The silent revolution: changing values and political styles among Western publics*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1977.
- _____. *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Siglo XXI, 1991.
- JACOBY, W. G. Testing for hierarchical structure and priming effects among individual value choices. 2006. Disponível em: <<http://polisci.msu.edu/jacoby/research/values/tess/Jacoby,%20Prelim%20Report%20on%20Tess%20Project.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2011.
- JAMES, W. Pragmatism's conception of truth. In: _____. (Ed.). *Pragmatism: a new name for some old ways of thinking*. New York: Longmans, Green, 1907. p. 197-238.
- KARPINSKI, A.; STEINMAN, R. B. The single category implicit association test as a measure of implicit social cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 91, p. 16-32, 2006.
- KENRICK, D. T. et al. Renovating the pyramid of needs: contemporary extensions built upon ancient foundations. *Perspectives on Psychological Science*, v. 5, p. 292-314, 2010.
- KLUCKHOHN, C. Values and value orientations in the theory of action. In: PARSONS, T.; SHILS, E. (Ed.). *Toward a general theory of action*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1951. p. 388-433.
- KOHLSDORF, M.; COSTA JUNIOR, A. L. O autorrelato na pesquisa em psicologia da saúde: desafios metodológicos. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 27, p. 131-139, 2009.
- KOHN, M. L. *Class and conformity: a study in values*. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.
- LAKATOS, I. *La metodología de los programas de investigación científica*. Madrid: Alianza, 1989.
- LIMA, T. J. S. *Modelos de valores de Schwartz e Gouveia: comparando conteúdo, estrutura e poder preditivo*. 2012. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- MAIO, G. R. Mental representations of social values. In: ZANNA, M. P. (Ed.). *Advances in experimental social psychology*. Burlington: Academic Press, 2010. v. 42, p. 1-43.
- MAIO, G. R. et al. Changing, priming, and acting on values: effects via motivational relations in a circular model. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 97, 699-715, 2009.
- MARKS, G. N. The formation of materialist and postmaterialist values. *Social Science Research*, v. 26, p. 52-68, 1997.
- MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. New York: Harper and Row, 1954.
- MEDEIROS, E. D. *Teoria funcionalista dos valores humanos: testando sua adequação intra e interculturalmente*. 2011. Tese (Doutorado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- MERTON, R. K. *Social theory and social structure*. New York: Free Press, 1949.
- MILFONT, T. L. *A intenção de constituir família: suas bases normativas e relacionais*. 2001. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- PARSONS, T. *El sistema social*. Madrid: Revista do Occidente, 1959-1976.
- PILATI, R.; LAROS, J. A. Modelos de equações estruturais em psicologia: conceitos e aplicações. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 23, p. 205-216, 2007.
- PIMENTEL, C. E. *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. 2004. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

- ROKEACH, M. *The nature of human values*. New York: Free Press, 1973.
- RONEN, S. An underlying structure of motivational need taxonomies: a cross-cultural confirmation. In: TRIANDIS, H. C.; DUNNETTE, M. D.; HOUGH, L. M. (Ed.). *Handbook of industrial and organizational psychology*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1994. v. 4, p. 241-269.
- ROS, M. Psicologia social dos valores humanos: uma perspectiva histórica. In: ROS, M.; GOUVEIA, V. V. (Org.). *Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*. São Paulo: Senac, 2006. p. 23-53.
- SANTOS, W. S. *Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. 2008. Tese (Doutorado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- SCHWARTZ, S. H. Universal in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In: ZANNA, M. P. (Ed.). *Advanced in experimental social psychology*. New York: Academic Press, 1992. p. 1-65.
- _____. Validação e aplicabilidade da teoria dos valores. In: TAMAYO, A.; PORTO, J. B. (Ed.). *Valores e comportamentos nas organizações*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 56-59.
- _____. Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In: ROSS, M.; GOUVEIA, V. V. (Org.). *Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados*. São Paulo: Senac, 2006. p. 55-85.
- SCHWARTZ, S. H.; BILSKY, W. Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 53, p. 550-562, 1987.
- _____. Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 58, p. 878-891, 1990.
- SCHWARTZ, S. H.; BOEHNKE, K. Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, v. 38, p. 230-255, 2004.
- SCHWARTZ, S. et al. Value priorities and social desirability: much substance, some style. *British Journal of Social Psychology*, v. 36, p. 3-19, 1997.
- SOUZA, L. E. C. *Medindo valores com parcelas de itens: contribuições à teoria funcionalista dos valores*. 2012. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. *Using multivariate statistics*. 5. ed. Boston: Allyn & Bacon, 2007.
- TAMAYO, A. Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 38, p. 91-104, 1988.
- TÖNNIES, F. *Comunidad y asociación*. Barcelona: Ediciones Península, 1887-1979.
- TRIANDIS, H. C. *Individualism and collectivism*. Boulder: Westview Press, 1995.
- VAN DE VIJVER, F. J. R.; LEUNG, K. *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.
- VERPLAKEN, B.; HOLLAND, R. W. Motivated decision making: effects of activation and self-centrality of values on choices and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 82, p. 434-447, 2002.
- VIONE, K. C. *As prioridades valorativas mudam com a idade? Testando as hipóteses de rigidez e plasticidade*. 2012. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- ZUCKERMAN, M. *Behavioural expressions and biosocial bases of sensation-seeking*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.